

O TARÔ *ONLINE* E AS TRANSFORMAÇÕES DE UMA PRÁTICA ORACULAR

LISTHIANE PEREIRA RIBEIRO¹
CANDICE VIDAL E SOUZA²

RESUMO

O objetivo do artigo é compreender as transformações que acontecem no ritual de leitura de cartas de tarô quando ele é oferecido *online*. Os tarólogos tornaram-se influenciadores digitais e ampliaram a divulgação dos serviços, alcançando um público sensivelmente maior pelas redes sociais e sites. Através da pesquisa virtual, transitando ora pelo *online*, ora pelo *off-line*, foram realizadas entrevistas com tarólogos e observações a partir de um levantamento de endereços virtuais que discorrem sobre o tarô e da participação no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, realizado em São Paulo em 2015. Os resultados apontam que o tarô *online* demanda flexibilidade quanto a outras formas de se comunicar, uma nova relação com o tempo, com a mobilização energética e com os relacionamentos interpessoais. Assim, entram na cena do tarô discussões sobre a ética, uso de avatares, tempo delimitado de atendimento, possíveis adaptações do ritual e impasses diante de eventuais dificuldades tecnológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Tarô; Tarólogos; Internet; Cultura digital; Avatar.

THE ONLINE TAROT AND TRANSFORMATIONS OF AN ORACULAR PRACTICE

ABSTRACT

The objective of the article is to understand the transformations that happen in the ritual of reading tarot cards when it is offered online. Tarologists have become digital influencers and have expanded the dissemination of their services, reaching a significantly larger audience through social networks and websites. Through virtual research, transiting now online, now offline, interviews were conducted with tarologists and observations based on a survey of virtual addresses that discuss the tarot and participation in the 4th National Forum of Tarot and Symbology, held in São Paulo in 2015. The results indicate that the online tarot demands flexibility in relation to other ways of communicating, a new relationship with time, with energy mobilization and interpersonal relationships. Thus, in the tarot scene enter discussions about ethics, the use of avatars, limited-service time, possible adaptations of the ritual, impasses in the face of possible technological difficulties arise.

KEYWORDS

Tarot; Tarologists; Internet; Digital culture; Avatar.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestre em Ciências Sociais (PUC Minas), doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: listhiane.ribeiro@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Ciências Sociais e graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: listhiane.ribeiro@gmail.com.

LE TAROT EN LIGNE ET LES TRANSFORMATIONS D'UNE PRATIQUE ORACULAIRE

RÉSUMÉ

L'objectif de l'article est de comprendre les transformations qui s'opèrent dans le rituel de lecture des cartes de tarot lorsqu'il est proposé en ligne. Les tarotistes sont devenus des influenceurs numériques et ils ont élargi la diffusion des services, atteignant un public beaucoup plus large via les réseaux sociaux et les sites web. Grâce à des recherches virtuelles, parfois en ligne, parfois hors ligne, des entretiens ont été menés avec des tarologues et des observations basées sur une enquête d'adresses virtuelles qui discutent du tarot et de la participation au 4^e Forum national du tarot et de la symbologie, qui s'est tenu à São Paulo en 2015. Les résultats indiquent que le tarot en ligne demande de la souplesse dans les autres modes de communication, un nouveau rapport au temps, la mobilisation des énergies et les relations interpersonnelles. Ainsi, des discussions sur l'éthique, l'utilisation d'avatars, le temps de service limité, les adaptations possibles du rituel, les impasses face à d'éventuelles difficultés technologiques entrent sur la scène du tarot.

MOTS-CLÉS

Tarot; Tarologues; Internet; Culture numérique; Avatar.

EL TAROT ONLINE Y LAS TRANSFORMACIONES DE UNA PRÁCTICA ORACULAR

RESUMEN

El propósito del artículo es comprender las transformaciones que se producen en el ritual de la lectura de las cartas del tarot cuando se ofrece en línea. Los tarotistas se han convertido en influencers digitales y ampliaron la difusión de los servicios, llegando a una audiencia significativamente mayor a través de las redes sociales y los sitios web. A través de la investigación virtual, a veces en línea, a veces fuera de línea, se realizaron entrevistas con tarólogos y observaciones basadas en una encuesta de direcciones virtuales que discuten el tarot y la participación en el 4^o Foro Nacional de Tarot y Simbología, realizado en São Paulo en 2015. Los resultados muestran que el tarot en línea requiere flexibilidad en cuanto a otras formas de comunicar, una nueva relación con el tiempo, la movilización de energías y las relaciones interpersonales. Así, entran en escena del tarot discusiones sobre ética, uso de avatares, tiempo de servicio limitado, posibles adaptaciones del ritual, impasses ante posibles dificultades tecnológicas.

PALABRAS CLAVE

Tarot; Tarólogos; Internet; Cultura digital; Avatar.

INTRODUÇÃO

Os tarólogos e a leitura do tarô são incluídos no conjunto dos ofícios esotéricos, compreendidos em seu pertencimento à Nova Era, configuração que aponta para novas espiritualidades e suas dimensões ontológicas, epistemológicas e sociológicas (Amaral, 2000; Magnani, 1999; Frigerio, 2016). Em meio a tanta diversidade de propostas espiritualistas orientais e ocidentais que se cruzam e entrelaçam, o que se pode dizer é que apresentam uma “religiosidade caleidoscópica” ou um “sincretismo em movimento” (Amaral, 2000, p. 9). Esta forma de conexão com a espiritualidade tem se tornado cada vez mais visível nos últimos anos. José Guilherme Magnani (1999) observava, ainda no início dos anos 1990, a saída dos neo-esotéricos dos espaços secretos para os centros urbanos, através da promoção de feiras místicas em shoppings e *workshops* no ambiente de trabalho.

Observa-se em tempos mais recentes a inserção de tais práticas também na internet, na cultura digital. Embora várias atividades permaneçam sendo oferecidas presencialmente, destaca-se a crescente oferta de tarô *online* em redes sociais, *sites* e *blogs*. Assim, propomos compreender as transformações que o tarô sofre quando inserido nesta modalidade virtual.

Até a década de 1990, as leituras das cartas eram divulgadas no Brasil apenas por jornais, revistas, panfletos e faixas nas ruas. Atualmente, a tecnologia permite uma divulgação mais rápida e eficaz, sobretudo pela utilização da internet e do uso das redes sociais, de modo que tais recursos também têm sido valorizados para a expansão do mercado. Hoje qualquer pessoa pode consultar as cartas virtualmente, e se preferir a consulta aos moldes tradicionais, pode conhecer um espaço que oferece o serviço e agendar um horário. Para aqueles que desejam estudar o assunto, a internet também oferece essa possibilidade, reunindo pessoas em fóruns de discussão, *workshops* e outros eventos.

Apresentamos nesse artigo brevemente o que é o tarô. Em seguida, esclarecemos algumas questões metodológicas com enfoque na cultura digital como método e objeto de pesquisa. Depois, mostramos o mapeamento de *sites* relacionados ao tarô que foram pesquisados e, por fim, analisamos os dados recolhidos nesses *sites* e nas entrevistas realizadas com alguns tarólogos, com o intuito de analisarmos o atendimento *online* desses profissionais e eventuais transformações nas relações entre tarólogos e consulentes nas novas composições de tempo, espaço e interatividade disponíveis na esfera virtual.

O TARÔ

O tarô é um conjunto de 78 cartas, composto por 22 trunfos ou arcanos maiores e 56 arcanos menores. O termo arcano significa oculto ou misterioso e evoca a ideia de um

conteúdo que precisa ser aberto e revelado³. O tarô é um sistema oracular que pode ser utilizado com finalidade adivinhatória, terapêutica e de autoconhecimento. De origem incerta, é um instrumento predominantemente simbólico. Isso porque ele revela “encobrendo”, já que sua revelação não é explícita, mas mediante interpretação. Sua leitura — assim como a de qualquer oráculo — é um rito que permite a reatualização mítica daquilo que já foi vivido por um determinado grupo social em tempos imemoriais, atualizando-o para o momento presente.

Segundo Bronislaw Malinowski (1984), existe uma relação íntima entre a palavra, os mitos, as histórias sagradas de uma sociedade e as suas atividades práticas rotineiras, rituais e padrões morais. Nas comunidades “primitivas”, o mito não é somente uma história, mas a própria realidade da vida que é contada, cujos texto e contexto dialogam continuamente. Há situações, por exemplo, em que, ao tomar conhecimento de uma narrativa mítica e depois, ao ser iniciado ritualmente, o indivíduo se torna autorizado e, portanto, apto para uma nova etapa da vida em sociedade.

O tarô é “uma linguagem feiticeira” (Kuperman, 1995). E para o aprendizado dessa língua, feita do cruzamento de ideias, símbolos, experiência e intuição, é necessário tempo e paciência. Segundo Fátima Tavares (1993, p. 7, grifo original), “aprender a jogar o tarô significa basicamente reaprender a *magicizar* o mundo”, ainda que, para isso, contraditoriamente, o iniciante precise se submeter a um rigoroso treinamento de ordem racional.

Entende-se a leitura de cartas como um ritual, um sistema que permite a transmissão de mensagens através de uma comunicação mágica. A abertura do tarô é um procedimento repetitivo que tem, para sua interpretação, um código de comunicação culturalmente definido. Podemos dizer que o tarô “evoca a potência de poderes ocultos, embora não se pressupõe ser potente em si” (Leach, 1972, p. 334, tradução nossa). Isso se confirma na fala de um tarólogo entrevistado, ao dizer que, ao abrir o jogo, há uma mobilização de uma energia cósmica. Entretanto, há um reconhecimento de que o sistema oracular nada realiza sozinho, pois depende de um intérprete. É o oráculo o detentor do saber, e, o tarólogo, um tradutor mensageiro.

A interpretação das cartas será sempre contextual em relação à posição que aparece no jogo e também é situada na história de vida do consultente. São suas narrativas pessoais

³ As cartas e os seus significados não serão apresentados neste artigo, pois ultrapassa seus objetivos. Mas existem vários manuais de interpretação para aqueles que queiram se aprofundar no assunto. Destacam-se os trabalhos de Fátima Tavares (1993) e Priscila Kuperman (1995). Entretanto, ambas tratam apenas dos arcanos maiores. Um esclarecimento que Tavares (1993) faz é que geralmente os arcanos maiores são os primeiros a serem ensinados nos cursos. É possível, portanto, que muitos não façam o estágio “mais avançado” e interrompam os estudos antes de tomar conhecimento do significado dos demais arcanos. Ainda assim, seria possível fazer uma “boa” leitura apenas com os arcanos maiores, já que os menores trazem um detalhamento das mensagens dos primeiros.

que fornecerão conteúdo para que os arcanos transmitam suas mensagens. Assim, a interpretação tarológica enquanto ação de um trabalho terapêutico corresponde a um diálogo entre mitos coletivos e individuais, sendo o sentido das imagens construído caso a caso (Maluf, 2005).

A CULTURA DIGITAL E SEUS DESDOBRAMENTOS NO MUNDO DO TARÔ

Pierre Lévy alerta para o fato de que a “invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização”, seguidas de uma mudança na forma de se relacionar com o tempo e o espaço (Lévy, 1996, p. 24). Christine Hine, uma das pioneiras em estudos sobre a internet no campo da Antropologia, cita que “mais do que transcender o tempo e o espaço, a Internet pode ser representada como uma instância de múltiplas ordens espaciais e temporais que cruzam repetidamente a fronteira entre *online* e *off-line*” (Hine, 2004, p. 21, tradução nossa).

Ao pesquisar o uso do tarô na internet, transitamos pelas duas esferas: *online* e *off-line*, sendo cuidadosas com os conteúdos levantados que pudessem ser entendidos como sigilosos: delicados, constrangedores, ou seja, “sensíveis” (Boyd, 2009). No que diz respeito à ética na pesquisa, em geral, distinguimos os dados que poderiam ser públicos ou privados, especificando as fontes de informação: fóruns de discussão sobre o tarô, *sites* ou dados coletados em entrevistas.

A tecnologia aproximou pessoas e difundiu informações, já que as ideias são propagadas de forma rápida e eficaz, o que ampliou o território de atuação do tarólogo. Todos aqueles que acessam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem consultar as cartas virtualmente e, se preferirem a consulta nos moldes tradicionais, podem conhecer um profissional e agendar um horário presencial. Para aqueles que desejam realizar cursos sobre o assunto, a internet também oferece essa possibilidade, reunindo pessoas em fóruns de discussão, *workshops* e outros eventos. Segundo Airton Jungblut, a prática esotérica oracular cresceu nos últimos 20 anos no Brasil, com um “número cada vez maior de *sites* oferecendo serviços de oráculo tais como tarô, astrologia, numerologia, etc.” (Jungblut, 2009, p. 153).

Os tarólogos estão sendo convidados a reatualizar seus métodos, não só no sentido original, de rememoração mítica, mas também experimentando mudanças na prática, com novas formas de divulgação e de usos do tarô.

MAPEANDO QUEM SÃO OS TARÓLOGOS *ONLINE* BRASILEIROS

No intuito de identificar e encontrar os tarólogos que atuam *online*, seguiu-se um caminho também virtual. Assim, em outubro de 2014 e depois em abril de 2015, pesquisamos sobre o tarô *online* na ferramenta de busca *Google*. Devido aos interesses de

compreender as transformações das relações entre tarólogos e consulentes, bem como do manuseio das cartas através da internet, foram descartados deste mapeamento os portais/sites/blogs cujas consultas não fossem realizadas *online*, ou seja, por meio de *chats*, *e-mails*, *Skype*, *Facebook* ou *WhatsApp*.

Feito esse critério de exclusão, foi identificado, naquele momento, um total de 90 URLs (sigla de *Uniform Resource Locator*, endereço eletrônico localizador de sites e blogs) brasileiros que discorriam sobre a temática do tarô. Além da leitura das cartas, estes ofereciam cursos (em níveis iniciante, intermediário e avançado), divulgavam eventos (*workshops*, fóruns, simpósios, congressos), vendiam livros e baralhos. Todos estes serviços eram ofertados nas modalidades presencial e *online*.

Dentre as 90 URLs consultadas, foram identificados 30 endereços de *sites/blogs* que ofereciam os serviços de somente um(a) tarólogo(a); 46 endereços de portais/*sites/blogs* que ofereciam os serviços de vários tarólogos; cinco endereços que não informavam qual(is) e quanto(s) tarólogo(s) atua(m) no *site*; um endereço que oferecia somente consultas gratuitas, mediante um programa; um endereço exclusivo para o estudo do tarô; quatro endereços de escolas que ensinavam o uso do tarô, mas nem todas elas ofereciam consultas e três endereços que exerciam a função de um guia ou catálogo para a localização de outros endereços virtuais e tarólogos. Destaca-se que o objetivo dessa ação, mais do que quantificar, era o de conhecer as variações no universo estudado.

Em especial, destacamos o *site* Clube do Tarô, desenvolvido por Constantino Riemma. Ele funciona como uma enciclopédia interativa, no qual textos são postados e, a partir deles, são abertos fóruns de discussão. Junto a outros colegas tarólogos, Constantino esclarece dúvidas, participa de debates e indica materiais de estudos. No Clube do Tarô também é disponibilizado um espaço para divulgação de tarólogos e cartomantes⁴ que atuam em todo o Brasil e em outros países. Em vários trechos do *site*, Constantino cita o quanto administrá-lo é uma tarefa exaustiva. Entretanto, afirma que o trabalho é positivo por favorecer a troca de experiências, bem como oferecer aos consulentes um guia para encontrarem o profissional que consideram mais adequado às suas necessidades. Pelo amplo material de estudo que oferece e por entendê-lo como um caminho para compreender melhor as relações estabelecidas entre tarólogos e entre tarólogos e consulentes, ele foi privilegiado na pesquisa.

⁴ Como esclarece Tavares (1999), os tarólogos são aqueles que fizeram cursos, *workshops*, nos quais aprenderam as regras, estruturas e posições das cartas no jogo, bem como desenvolveram a intuição — através de um conhecimento racional — para interpretar o significado das cartas em cada contexto. Já os cartomantes seriam aqueles profissionais que aprenderam a leitura de cartas sozinhos ou em seu meio familiar, e justificam que possuem um “dom” de nascença que dispensaria outros estudos.

Ao observar os endereços virtuais relacionados ao tarô, alguns elementos despertaram nossa atenção. Nas apresentações, por exemplo, a exposição do rosto dos tarólogos é opcional. A internet tem sido utilizada como um espaço de exibição intensa, mas também oferece a possibilidade de anonimato. “Compromissos com” e “sem rosto” são estabelecidos a todo instante (Santos; Cypriano, 2014) e podem ser configurados de modo particular no funcionamento digital do mundo do tarô, em que uma pessoa pode se apresentar na internet por meio de imagens variadas. Alguns utilizam fotos próprias, enquanto outros usam avatares⁵, sendo comum imagens de ciganos, bruxas ou fenômenos da natureza.

Segundo John Suler (2001), o avatar é uma construção subjetiva que personifica aspectos da personalidade de seu(ua) autor(a). É uma persona que inevitavelmente apresenta características dele(a): quem é, o que deseja ser, o que teme, o que o/a motiva. “O avatar [...] é como uma criação artística, um autorretrato. É uma expressão ‘lá fora’ do que está dentro” (Suler, 2001, p. 36). O incômodo com os avatares é uma controvérsia no meio do tarô, tema que será abordado mais adiante. Por isso, aqueles que não os utilizam destacam a decisão. Um exemplo é o site *Leituratarot.com*, que afirma: “nossos tarólogos são pessoas reais”.

Existem outras representações visuais de tarólogos em que homens e mulheres estão maquiados (com os olhos realçados), usando vários acessórios (colares, pulseiras, anéis, véus, lenços), tatuagens e/ou roupas ciganas. Em alguns casos, consultamos no *Google* e constatamos que eram figuras pertencentes a bancos de imagens. Não foram encontrados nos sites rostos com manchas, cicatrizes ou imperfeições, e é comum que as imagens utilizadas sejam de pessoas jovens, mesmo quando o profissional descreve que tem 30 anos de experiência ou mais.

Em síntese, identificamos nos portais/sites/blogs consultados que a caracterização dos tarólogos acontece através de: alguma imagem (foto pessoal, avatar, objetos relacionados à prática profissional ou paisagem); história de vida e linhagem (alguns se dizem nascidos em uma família cigana, por exemplo); formação (escolaridade, títulos acadêmicos e/ou místicos); dons (habilidades paranormais); tempo de experiência com o tarô, trajetória profissional e espiritual (alguns mencionam filiação/pertencimento religioso); aparições midiáticas (entrevistas concedidas, artigos publicados). Na apresentação dos tarólogos também estão presentes os idiomas que falam, seus horários de disponibilidade e depoimentos de clientes, com opiniões (positivas ou não) sobre o atendimento e o

⁵ Esclarecemos que “a expressão ‘avatar’ vem do sânscrito [Avatara] e serve para designar o representante corpóreo de uma divindade na Terra. Há registros de que o termo seja usado há mais de dois mil anos, com a origem da religião hinduísta. Segundo a denominada Doutrina dos Avatares, o deus hindu Vishnu possui dez encarnações ou avatares, entre os quais Krishna e Sidarta Gautama, o Buda, são seus representantes no mundo físico” (Silva, 2010, p.123).

profissional. Valoriza-se o que é aprendido, conquistado e herdado no intuito de disponibilizar um perfil de cada profissional, tornando os consulentes informados e aptos para fazerem a sua escolha.

É comum que os tarólogos se apresentem com nomes que referenciam pedras preciosas, uma filiação religiosa e/ou que tenham algum significado mitológico/místico. Alguns deles têm letras dobradas ou apresentam uma escrita pouco comum na ortografia brasileira (incluindo uso de “ph”, “y” ou “x”). Alguns nomes femininos encontrados nas URLs foram: Agatha, Artemisa, Astrid, Belatrix, Brida, Cristal, Darah, Esmeralda, Estrela, Evora, Évorah, Flora, Jade, Madalena, Morgana, Muriel, Pérola, Pietra, Safira, Samira, Saphyra, Sibila, Surya e Yaritsa. Alguns nomes masculinos encontrados foram: Anael, Igor, Prometeus, Radamanthys, Ramiro, Syrius e Toninho do Xangô. Nem sempre são esclarecidos os significados dos nomes adotados e tampouco seu nome civil.

Observou-se que nos *sites* os tarólogos também se denominam como atendentes ou consultores, sendo um exemplo o *Império Cigano*. Eventualmente encontramos o mesmo rosto e nome em *sites* distintos, mas nem sempre é fácil identificar quando usam avatares e pseudônimos. Isso fica um pouco mais facilitado quando eles disponibilizam as redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

Em alguns portais/*sites*/*blogs*, existem vídeos ou textos que discutem situações relacionadas ao tarô, abertos a estudiosos ou curiosos sobre o assunto. Em geral, é comum que os *sites* tenham um “fale conosco”, suporte *online* através do qual os clientes podem tirar dúvidas pelo telefone, *chat* e/ou *e-mail*. As formas de pagamento são realizadas por meio de PagSeguro/cartão de crédito, transferência bancária ou boleto. A maioria dos *sites* exige o pagamento antecipado, mas existem aqueles que não, podendo o cliente pagar sua consulta em até 48 horas após o atendimento. Também o pagamento pode ser via preço fixo ou minutagem. No primeiro, o tempo da consulta já está determinado antes mesmo dela se iniciar, enquanto no segundo o valor será proporcional ao tempo utilizado.

Na pesquisa foi observado o quanto o meio digital é dinâmico e as informações tornam-se efêmeras. Alguns *sites* que tinham poucos profissionais aumentaram a quantidade de atendentes, outros que não expunham as fotos dos tarólogos passaram a mostrá-las, e ainda, vários *sites* que existiam foram desativados, dando lugar a novos.

Um dos endereços virtuais consultados foi o *site* de Nei Naiff⁶, no qual foi divulgado que ele estava ofertando um curso na cidade em que primeira autora residia. Como as

⁶ Nei Naiff é o nome iniciático de Claudinei dos Santos, que significa “o que vence pela verdade e pureza”. O tarólogo, que também é astrólogo, iniciou os atendimentos com o tarô em 1990. É autor de mais de 20 livros sobre o tema e recebeu o prêmio Recordista 2011 pela obra “Curso Completo de Tarô” (coleção composta por três volumes que se dedicam aos estudos sobre o histórico do tarô, seus símbolos, suas técnicas de leitura, etc.). Tornou-se uma referência na área, principalmente por sua contribuição na formação de tarólogos e promoção de simpósios, fóruns e congressos.

inscrições e pagamentos estavam sob os cuidados de uma taróloga da região, a pesquisadora buscou informações e conheceu essa profissional que aceitou lhe conceder entrevista. A seguir, os demais tarólogos foram contactados pela técnica bola de neve, de modo que cada um indicou o próximo, totalizando quatro entrevistados. A fim de dar voz, rosto e corpo aos dados encontrados nos endereços virtuais, apresentaremos a seguir uma síntese das informações obtidas a partir das entrevistas.

ATENDIMENTOS *ONLINE*: EXPERIÊNCIAS E POSICIONAMENTOS DO PONTO DE VISTA DOS TARÓLOGOS

Todas as entrevistas aconteceram presencialmente, em local escolhido pelos tarólogos e foram realizadas entre maio e julho de 2015, sendo gravadas e transcritas. Os nomes dos profissionais foram substituídos por pseudônimos. Naquele momento apresentavam as características descritas abaixo:

Tabela 1. Descrição do perfil dos tarólogos entrevistados

Tarólogo(a)	Idade	Estado civil	Escolaridade	Experiência com o oráculo
Igor	59 anos	Solteiro, sem filhos	Ensino médio	Conheceu o tarô há 49 anos e atuava profissionalmente com ele há 20 anos
Brida	47 anos	Casada, tem filhos	Fonoaudióloga	Conheceu o tarô há cerca de 28 anos e há 14 anos atuava com ele profissionalmente
Artemisa	49 anos	Divorciada, tem filhos	Jornalista, Pós-graduada	Conheceu o tarô há 8 anos e há 5 anos atuava profissionalmente
Astrid	30 anos	Solteira, sem filhos	Ensino médio	Conheceu o tarô há 16 anos, mas atuava profissionalmente com ele há 2 anos

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A respeito da experiência *online* dos tarólogos entrevistados, a maioria deles afirmou ter iniciado nesta modalidade por volta de 2010.

Igor realizou a primeira consulta à distância em 2013. Suas experiências até aquele momento tinham sido com telefone, *Skype*, *Messenger* (*chat* do *Facebook*) e *e-mail*. Esses clientes já haviam sido atendidos presencialmente por ele, ou o conheceram pelo *Facebook* e residiam em outros estados (São Paulo e Bahia) ou vieram por indicação. Igor demonstrou que fazia os atendimentos *online* com relutância; ele não gostava nem de usar o *Facebook* e quando o fazia, era “por necessidade”. Entre todas as ferramentas utilizadas, o *e-mail* foi

aquele que menos lhe agradou, por causa da assincronicidade. “É pior que no *chat*, porque o tempo da interação é diferente” (Igor, entrevista à primeira autora, 23/05/2015).

Igor não divulgava que oferecia o atendimento *online*, mas se surgisse a oportunidade ele o faria, embora deixasse bem claro que priorizava o encontro presencial. Nas ocasiões que atendeu foi a pedido dos consulentes. Considerou que cada consulente *online* escolheu uma ferramenta (telefone, *chat*, *Skype* ou *e-mail*) de acordo com suas circunstâncias. Em certa ocasião, um rapaz que estava no trabalho não podia, naquele momento, ligar a câmera ou falar, por isso interagiram pelo *chat*. As consultas realizadas pelo *Skype* foram agendadas com antecedência. Nas experiências destes atendimentos *online*, os clientes chegaram até Igor com perguntas específicas. Como diferença entre as modalidades, apontou que o jogo na internet é mais rápido e lhe exigia uma descrição detalhada de cada carta que abre, porque o consulente não estava vendo. Vale lembrar que, naquele momento, sua experiência era principalmente através de áudio e texto. A técnica de leitura utilizada por Igor era a mesma nos ambientes presencial e *online*.

Igor relatou que tem a preocupação em conferir o pagamento antes das consultas e lembrou que os calotes também surgiam no passado, com os cheques sem fundo. Mas afirma que “deixar o consulente depositar depois não é interessante, senão vai jogar grátis” (Igor, entrevista, 23/05/2015). Ele até tentou trabalhar em dois *sites*, mas teve “problema com o programa” e, quando ia fazer nova tentativa, apareceu um vírus no computador, de modo que acabou desistindo.

Brida não se recorda em que momento começou a oferecer atendimentos *online*, mas sabe que foi uma demanda dos consulentes: uma delas tinha se mudado de cidade e perguntou se poderia ser atendida pelo *Skype*. Elas tentaram e avaliaram que não perderam em nada no quesito de qualidade. Sobre as diferenças entre os atendimentos presenciais, Brida explica que a consulta que oferece no *Skype* é menor, mais objetiva, pois percebe que a pessoa quer uma orientação direta sobre algum assunto específico.

Dentre as ferramentas disponíveis para o atendimento *online*, Brida utilizava só o *Skype* por sua facilidade. A taróloga tem dois *blogs*, um perfil no *Facebook*, no *LinkedIn* e no *Instagram* e uma propaganda no *site* Clube do Tarô. Ela não percebia diferenças entre as pessoas que entram em contato com ela por um caminho ou por outro (*blog*, *Facebook*, *LinkedIn*, *Instagram* ou *site*). Mas observou que geralmente quem a conheceu pelo *blog*, leu seus textos e, possivelmente, já entende um pouco sobre o assunto. Brida nunca atendeu em *sites*. Foi convidada para trabalhar em alguns, mas a partir do que ouvia de colegas, formulou uma opinião negativa sobre eles.

Eu tenho horror a sites. [...] eu acho uma exploração tanto do profissional quanto da pessoa que liga. [...] Quando uma pessoa vem me procurar, ela agendou a consulta, ela teve tempo de pensar se ela realmente quer a consulta. Ela teve tempo de ler sobre mim e ela sabe o quanto ela vai pagar, o meu valor de consulta é fechado. Então, ela não vai

pagar a mais se eu ficar no telefone, Skype com ela. [...] não posso falar por todos [sites], vou falar de algumas coisas que eu já vi. Os sites normalmente têm os profissionais disponíveis que você liga a hora que você quiser e aquela pessoa tá sendo atendida. [...] se você tá num momento de desespero, você não tá vendo quanto tempo tá se passando na consulta. Ou seja, você está num serviço em que você não sabe no final qual a despesa daquilo ali, se você teve um impulso ou alguma coisa assim e arrepende depois, já foi. Então eu não acho ético esse tipo de coisa (Brida, entrevista à primeira autora, 10/07/2015).

Diferente de Igor e Brida que iniciaram os atendimentos *online* devido à demanda dos consulentes, Artemisa dirigiu-se a essa modalidade espontaneamente, entendendo que seria uma oportunidade de aperfeiçoamento da prática. Citou *Oráculos Web*, *Caminhos do Tarô* e *Astrocentro* como os melhores *sites* que já trabalhou.

[São] sites mais conhecidos. Eu tava no Astrocentro agora, aí eu passei a trabalhar em horário integral [como jornalista]. Aí tive que sair porque eles tinham uma exigência de ter uma meta a cumprir, e não deu [...]. Lá no Astrocentro eu posso até usar o meu nome. Eu tenho que fazer assim, por exemplo, trezentos reais por mês, eu não lembro direito, se eu não fizer nos três meses consecutivos eu sou retirada [e] eu não tive tempo de atender (Artemisa, entrevista à primeira autora, 21/07/2015).

Naquele *site*, o acordo era atingir uma meta mensal de valor dos atendimentos. Mas, segundo Artemisa, nem todos os *sites* funcionam assim. Alguns exigem a disponibilidade do tarólogo em dias e horários de interesse da empresa. Outros deixam o profissional organizar sua própria escala de horários, considerando apenas uma carga horária semanal a cumprir.

Neste meio é comum que os prestadores de serviço atendam nos *sites* sem nenhum contrato formal: “é um contrato boca a boca, não tem uma garantia trabalhista” (Artemisa, entrevista à primeira autora, 21/07/2015). Como se trata de um acordo às escuras, ela já se viu em situação desfavorável, atuando em *sites* “picaretas”. Mas explica que é possível evitar ou minimizar os prejuízos, conversando com outros colegas tarólogos que já conhecem o *site* e saindo dele caso o pagamento atrase. “Nessa questão de picaretagem de não pagar, tem muito mesmo, tem mais picaretas do que menos, eu acho. Mas tem os *sites* corretos, pessoas que pagam direitinho, no dia certinho” (Artemisa, entrevista à primeira autora, 21/07/2015).

O atendimento na internet, a princípio, a gente recebe pouco, mas se o site é bom, cliente não falta! Se você tem tempo pra dedicar, por exemplo, sábado e domingo, o atendimento online é excelente pra você aprender. [...] tem muito cliente sábado à noite, domingo à tarde é excelente pra atender e é muito bom pra você praticar porque você tem que fazer uma leitura muito rápida, dinâmica, tem que aprender a lidar com todo tipo de gente (Artemisa, entrevista à primeira autora, 21/07/2015).

Pelos *sites*, Artemisa já atendeu via PABX, *e-mail*, *chat* e *Skype*. Ela e os demais colegas recebiam como pagamento uma comissão de cerca de 30 a 35% do dinheiro que o consulente pagou ao *site*. Diante da desigualdade decorrente desta divisão do trabalho, é que os empresários dos *sites* têm receio que os tarólogos atendam aos consulentes “por fora”. O fato de os tarólogos conhecerem o valor final que o consulente pagou e a parcela bem menor que eles recebem, pode deixá-los incomodados com a exploração do seu trabalho. Mas esta relação também pode ser vantajosa do ponto de vista dos tarólogos.

Nesse aspecto, Artemisa cita como exemplo a aprendizagem, que acontece tanto quantitativa, quanto qualitativamente. O que ela estima é que dificilmente atenderia um público intenso e diversificado, pois dedica a maior parte do seu tempo ao jornalismo. Com relação às consultas agendadas diretamente com Artemisa, os custos do atendimento presencial e *online* são os mesmos.

Seguindo para nossa última entrevistada, Astrid iniciou os atendimentos *online* pela praticidade e por se sentir mais confortável, menos observada. Quando Astrid aprendeu a técnica da mandala astrológica⁷, postou no *Facebook* que leria as cartas gratuitamente a quem quisesse, com o objetivo de treinar a prática. Atendia por *e-mail* e pedia *feedbacks* de todos. Também trocava leituras com outros tarólogos via *chat*. Relata que “nem atendeu muito, porque o pessoal dava um retorno bom”. Quando teve segurança “para divulgar como trabalho” (Astrid, entrevista à primeira autora, 27/07/2015), a atividade se tornou remunerada.

Em alguns dos *sites* que Astrid atendeu, os proprietários pediam alguma leitura para avaliar seu conhecimento técnico. Foi contratada na informalidade e recebia a porcentagem referente aos atendimentos realizados através de depósitos mensais. Comenta que, em um deles, a proprietária do *site* orientou que, quando o assunto fosse morte ou traição, não era para ela falar ao consulente. Ela não sabe até que ponto isso é bom ou ruim. Mas disse que, na maioria dos casos, a pessoa não aceitava escutar a mensagem que o tarô tinha para dizer. “Uma vez estava com dois *sites* abertos [disponível para atendimento em dois *sites* ao mesmo tempo], uma pessoa perguntou se fulano gostava dela. [Respondi]. Ela saiu do *chat* e, sem saber que eu atendia no outro *site*, ela perguntou a mesma coisa. Ela não acreditou” (Astrid, entrevista à primeira autora, 27/06/2015).

Astrid avaliou de modo negativo sua experiência nos *sites*. Trabalhou em quatro ou cinco e ficou na maioria deles por cerca de seis meses. “Tinha que atender muito rápido, a pessoa ficava pensando nos minutos que estava perdendo ali. O pagamento não compensava e também era comum que o atendimento caísse”, fosse interrompido, porque o tempo pago pelo consulente foi insuficiente (Astrid, entrevista à primeira autora, 27/06/2015). De todos os *sites* que atuou, somente em um deles ela teve a impressão que a proprietária tinha comprometimento e idoneidade. Nesse *site*, ela pediu para colocar a própria foto, nos

⁷ É uma técnica de leitura de cartas. Na mandala astrológica são abertas 13 cartas, entendidas como “casas”, em um círculo. Cada uma delas representa uma esfera da vida da pessoa. Em geral, os sentidos atribuídos a cada uma delas são: a casa 0 representa o consulente; a 1, as tendências pessoais, o momento; a 2, bens materiais, valores espirituais e morais; a 3 representa a comunicação, intelecto, o ambiente próximo; a 4, o lar, a família; a 5, talento e criatividade; 6, trabalho e saúde; 7, casamento, sociedade; 8, mudanças que estão acontecendo; 9, religiosidade, justiça; 10, carreira, status; 11, projetos futuros e 12, inconsciente. Pela quantidade de cartas abertas e por permitir uma visão panorâmica da vida do consulente, a mandala é considerada uma técnica mais abrangente. Existem técnicas que abrem menos cartas e que são, portanto, mais simples. Por ser mais demorada, alguns tarólogos a utilizam apenas no atendimento presencial.

demais, usava avatares. O que lhe parecia é que nos outros *sites* o foco era somente o dinheiro, e não a qualidade do serviço em si ou o bem-estar das pessoas.

Astrid decidiu atender presencialmente somente os amigos e profissionalmente apenas por *e-mail*. Através dessa ferramenta o cliente envia os dados (nome completo, data de nascimento), ela faz a leitura com a técnica da mandala astrológica, escreve as interpretações e responde em até 48 horas. Caso o consulente tenha dúvidas, elas são esclarecidas. Dentre os tarólogos entrevistados, Astrid foi a única que escolheu a modalidade *online* porque entende que ela lhe oferece condições mais confortáveis.

A respeito das mudanças nas técnicas de tiragem entre o atendimento presencial e *online*, Brida cita o uso de técnicas distintas em cada modalidade.

O que vai mudar é a questão da abrangência, se tem mais tempo, eu tenho mais tempo de explorar mais assuntos, mais detalhes. Se eu tenho menos tempo eu vou ser mais pontual. A grande diferença é que na consulta presencial a tiragem que eu abro primeiro ela é abrangente, então ela já fala por si. Vou abrir a mandala astrológica, vou falar um pouco de cada assunto “de cara”, muitas vezes já responde muita coisa ali. E na consulta online a pessoa me traz a questão, então ela já vai [dizer]: “eu queria saber sobre isso, tô precisando daquilo”, então ela já direciona. Ela tem a informação que ela quer, mas é uma informação já filtrada, quer dizer, pela prioridade dela. E na presencial não, é uma coisa maior, você tem mais informações além daquilo que você achava muito importante, vem uma série de outras informações que também vão te ajudar no final das contas (Brida, entrevista à primeira autora, 10/07/2015).

Artemisa, nas consultas que oferecia através dos *sites*, adaptava a técnica: utilizava quatro baralhos, dois tarôs Rider-Waite e dois baralhos ciganos (Petit Lenormand). Ela explica que isso era para ser mais rápida, porque se a pessoa fizesse várias perguntas em sequência, ela não precisaria embaralhar novamente. Em sua opinião, os consulentes vão para o atendimento com as perguntas já digitadas em um documento do *Word* e durante a consulta “copiam e colam”. Ela tem essa hipótese porque as perguntas aparecem muito rápido na tela, em tempo curto. Relata que antes ficava ansiosa com essa situação, mas depois passou a responder conforme conseguia, sem se preocupar com o tempo. Respondia quantas perguntas era possível, “até o atendimento cair”, com a expiração do tempo pago pelo consulente. Nesse tipo de atendimento, cita que a maior dificuldade é a comunicação: deve oferecer uma orientação, a mais clara possível, a fim de evitar mal-entendidos. Entretanto, pelo fato de ser jornalista, “digita rápido e escreve relativamente bem”, o que considera que a ajuda na atividade desenvolvida.

Esses relatos nos contam sobre as práticas de tarólogos e seus arranjos para executar a performance que é a consulta oracular. Essa dimensão da ação ritual merecerá uma atenção especial a seguir, posto que o contexto digital coloca recursos inéditos a esse fazer-dizer.

O CONSULENTE, O TARÔ *ONLINE*, O TARÓLOGO

Para Victor Turner (1987), o homem é um animal performático que executa tarefas reflexivas que o revelam. O conceito de performance está usualmente atrelado aos significados de rendimento, êxito e qualidade. É consequência da repetição, está passível de avaliação de terceiros. Richard Schechner (2003) amplia essa concepção quando afirma que as “performances existem como ações, interações e relacionamentos” (p. 28–29).

Schechner listou situações em que as performances podem ocorrer: “na vida diária, cozinhando, socializando-se, apenas vivendo; nas artes; nos esportes e outros entretenimentos populares; nos negócios; na tecnologia; no sexo; rituais — sagrados e seculares; na brincadeira” (Schechner, 2003, p. 29).

Essas definições se cruzam e estão situadas em um tempo, contexto histórico e convenções locais. O que é compreendido como arte em um local pode não ser em outro, assim como aquilo que ontem era tido como sagrado, hoje se vê como arte. Semelhantemente, no universo do tarô existem concepções que o consideram sagrado, secular ou ambos. Assim, o modo como ele é concebido influenciará como será manuseado.

Considerando a lista proposta por Schechner (2003), podemos dizer que nosso tema de estudo combina quatro destas situações elencadas: é um *ritual* que utiliza *arte* pictórica (*decks*), estabelecido em um contexto de *negócio*, mediado pela *tecnologia* (internet).

Na leitura do tarô, o consulente leva para a mesa suas dúvidas e inquietações; o tarólogo, o seu arcabouço interpretativo, sua intuição e seu baralho. A função do tarô é a de intermediar a comunicação, esclarecendo informações. Mas, além desses elementos, pode-se dizer que há mais um que é igualmente importante, pois circula entre eles. Nesse tipo de relação observa-se a presença do *mana*, definido por Marcel Mauss (2007) como uma categoria do entendimento que se refere a ação, qualidade e estado.

O *mana* circula entre o consulente, o tarô e o tarólogo. Isso se dá porque existe uma noção de eficácia no instrumento e no especialista que o primeiro vai em busca dos demais. Por outro lado, quando o tarólogo tem suas previsões reconhecidas como “acertadas”, ele tem um aumento de credibilidade não só perante os clientes, mas também perante os seus pares. Com isso, o tarólogo se torna cada vez mais empoderado pelo *mana*, o que retroalimenta a sua relação com o oráculo e seu *status* no meio social.

Mas nem todos os tarólogos estão incorporados de *mana*. Vez por outra surgem consulentes apáticos. Alguns se comportam assim por característica própria, outros por ignorância de como funciona o atendimento e outros ainda porque querem “testar” o profissional. Entretanto, essa conduta minimiza a quantidade e/ou a adequação das informações que poderiam surgir na consulta.

Segundo a fala de Artemisa, o estado mental do tarólogo influencia tanto a leitura (em sua capacidade de concentração e interpretação), quanto o comportamento do consulente. Ela explica que os clientes que falam pouco e “ficam parados”, esperando pelo tarólogo, não dão *feedback* (concordando ou discordando) e geralmente recebem uma leitura empobrecida. Isso porque a leitura demanda um diálogo entre os três envolvidos: o consulente, o tarô e o tarólogo.

Pesquisando também o universo neo-esotérico, Magnani (1999) observou uma tríade composta pelo indivíduo, a comunidade e a totalidade. O primeiro é entendido como um ser em evolução cíclica, em estreita relação com um “eu” maior, superior e do qual ele originou, entendido como a totalidade. A comunidade, por sua vez, seria mais um caminho para o indivíduo acessar a totalidade.

A tríade proposta por Magnani (1999) para compreensão dos neo-esotéricos também cabe neste caso, de modo que o tripé seria erguido pelo indivíduo ou consulente que alcança uma aproximação com a totalidade via autoconhecimento, “expansão da consciência” obtida através da comunidade intérprete das cartas. Mas os três elementos são importantes na tríade, de modo que se o consulente se omite e não participa “adequadamente”, o tarólogo não tem condições ideais de fazer o seu trabalho, por melhor que esteja preparado simbolicamente. Isso porque a prática do tarô se realiza através de uma dinâmica de perguntas e respostas, cujo enredo interpretativo das cartas é norteadado também pelos *feedbacks* do consulente.

Schechner (2003) define a performance como relação e mais, que acontece para alguém: “não está *em* nada, mas *entre*” (p. 28). Assim como ele, Simon Cottle (2006) aponta o conceito de performatividade, o qual “inclui também o ‘fazer’ dos ‘espectadores’, que entram ativamente (‘se comprometem’) nos procedimentos” (Cottle, 2006, p. 429, tradução nossa).

Vez ou outra ouvimos de tarólogos que “o tarô sozinho não é nada”. Embora o considerem como um oráculo potente, reafirmam, constantemente, que o tarô depende da habilidade de seu intérprete. Mas como isso acontece no meio *online*, em especial nos *sites*?

Feitas as entrevistas, retornamos a alguns *sites*, em especial, àqueles em que Artemisa atuou. Em novembro de 2015, cada minuto do *Oráculos Web* custava R\$2,10, sendo que periodicamente eram oferecidas promoções. Na madrugada, por exemplo, as consultas custavam R\$1,40 o minuto para os horários compreendidos entre 2 e 6 horas da manhã. O tempo mínimo que podia ser adquirido pelo consulente era de 10 minutos e o máximo de 5 horas. O que o *site* não informava, no primeiro momento, é que esses valores eram para as consultas via *chat*. O custo normal dos atendimentos por vídeo era de R\$2,40 o minuto. Em novembro de 2022, os valores foram atualizados para R\$29,00 por 10 minutos (tempo mínimo) chegando até o valor de R\$116,00 por 40 minutos. No *Astrocentro*, o valor das

consultas com os esotéricos⁸ oscilava de acordo com as ferramentas utilizadas. As “consultas livres” (sem definição prévia de tempo) que aconteciam através do telefone em 2015 custavam a partir de R\$3,99 o minuto, por *chat* custavam a partir de R\$2,99 o minuto e via *e-mail* a partir de R\$25,00. Neste último caso, os valores podiam variar de acordo com o esotérico. Em novembro de 2022, a distinção de valores continuou ocorrendo pela ferramenta utilizada: *chat*, telefone ou *e-mail* e também pelo profissional escolhido. A depender de qual esotérico, o minuto variava de R\$4,49 a R\$8,99 (via *chat*); R\$4,99 a R\$9,99 (telefone) e os atendimentos por *e-mail* não apresentavam os valores definidos, pois cada profissional tinha o seu “a partir de”, que variava de R\$75,00 a R\$199,99. Eventualmente esse *site* adere à *Black Friday* e reduz cerca de 30% nos valores cobrados. Em 2022, o *site Caminhos do Tarô* não foi mais encontrado.

Observamos que no *site Astrocentro* os consulentes avaliam os profissionais com *smiles* que significam: “muito satisfeito”, “satisfeito”, “opinião neutra” ou “insatisfeito” e podem registrar depoimentos sobre o atendimento. A partir destas informações fornecidas pelos clientes, o *site* apresenta o perfil do especialista, considerando o índice de aprovação, o que é relacionado ao tema da consulta (amor, família, trabalho, dinheiro, outro) ou a ferramenta (telefone, *chat*, *e-mail*), o que compõe a sua credibilidade. O *site* também permite o filtro dos profissionais por critérios: “novos especialistas”, “melhores preços”, “melhores avaliados” e “mais consultados”, e divulga um “Top 10 da semana”.

Uma pessoa que queira se consultar pela primeira vez e que não dispõe da indicação de um profissional, aparentemente encontra nos *sites* as informações que precisa para escolher um. Nos *sites* mais descritivos o candidato a consulente pode avaliar a aparência, descrição do histórico da atuação e comentários de outras pessoas que já se consultaram com aquele tarólogo. Opiniões de outros consulentes, ainda que sejam de desconhecidos, podem servir como guia para avaliar a reputação do tarólogo. Oferecem indícios de confiabilidade e competência, ou seja, se a performance dele é satisfatória ou não.

Nas relações comerciais da internet existe a retomada da importância à reputação, da confiança, da pessoalidade. Ao contrário da economia monetária moderna, em que as trocas comerciais, mediadas pelo dinheiro, são mais institucionalizadas, anônimas e impessoais.

Podemos afirmar que se trata de uma prestação de serviços. Um deles paga, o outro atende. Mas a relação não termina aí. A relação entre tarólogos e consulentes não é apenas uma relação monetária. Os consulentes parecem se sentir em dívida, como se o valor que eles pagaram não tivesse sido o suficiente. É necessário agradecer: é a “dívida” articulando

⁸ O *site* usa a nomenclatura “esotéricos” porque oferece atendimentos de tipos distintos de profissionais, assim agrupados: médiuns e videntes; tarólogos e cartomantes; astrólogos; numerólogos; terapeutas.

uma nova retribuição. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeito’ — podemos dizer igualmente, ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ — elas e seus bens — aos outros” (Mauss, 2007, p. 263).

É possível tratar a consulta de cartas como “mera” mercadoria, mas ela também pode ser recebida como acalento, acolhida, informação útil na tomada de decisões: uma dádiva. Como sugere Leitão (2011, p. 90, grifo original), lendo Appadurai, a respeito do contraste entre dádiva *versus* mercadoria: “podemos romper com tal dualismo partindo do pressuposto de que as coisas não são mercadorias ou dádivas, mas *estão* mercadorias ou dádivas”.

Nos *sites*, o ciclo da dádiva se encerra no depoimento do consulente. E na internet a gratidão ganha outra dimensão: influencia o *status* do profissional, servindo como “propaganda viva” do seu trabalho. Entretanto, vale destacar que a internet, além de um espaço de sociabilidade, é também uma ferramenta de marketing e vendas. Os comentários negativos podem ter sido excluídos, desconsiderados/descartados das páginas dos *sites*. Não há garantias que as métricas apresentadas são fidedignas, assim como não há certezas da credibilidade dos profissionais, ou da confiança depositada naqueles que se mostram como clientes.

Segundo Cristina Marins (2020), citando Lindquist:

adultrações nos números de seguidores, visualizações, likes e rankings de popularidade são mercadorias em circulação num mercado volátil e altamente competitivo. [...] nos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente a existência de um mercado consumidor global das chamadas ‘fábricas de seguidores’ ou ‘fazendas de cliques’ (Lindquist, 2019 apud Marins, 2020, p. 13).

Outro desafio nessa modalidade de atendimento é que as consultas ficam restritas ao tempo pago pelo consulente, o que nem sempre está adequado aos objetivos de ambas as partes. Um tarólogo que queira oferecer um atendimento que conduza ao autoconhecimento precisaria lançar mão de ações mágicas para conseguir tal proeza com um cliente que está acabando de conhecer durante uma consulta de 10 minutos. A ação terapêutica demanda proximidade, intimidade, e geralmente continuidade. Acontece através dos vínculos que são formados, os quais, por sua vez, demandam algum tempo de dedicação.

A partir de todo o material levantado durante as entrevistas, participação em fóruns de discussão e acompanhando diálogos entre tarólogos, propomos uma tabela comparativa, identificando as diferenças da leitura de tarô nas modalidades presencial e *online*. Para tanto, nos atendimentos presenciais, foram consideradas as experiências provenientes de tarólogos autônomos, enquanto nos atendimentos *online* foram considerados tanto a atuação autônoma, quanto a realizada através dos *sites*.

Tabela 2. Comparação da leitura de tarô entre atendimentos presenciais e *online*

CARACTERÍSTICAS	ATENDIMENTOS PRESENCIAIS	ATENDIMENTOS <i>ONLINE</i>
Principais meios de divulgação	Panfletos, faixas, cartões de visita, <i>sites</i> , <i>blogs</i> , redes sociais	Cartões de visita, <i>sites</i> , <i>blogs</i> , redes sociais
Horário	Rígido: atendimentos agendados com antecedência	Rígido ou flexível: atendimentos agendados ou conforme a demanda do consulente
Tempo da consulta	De 1 hora até 1h30	Nos <i>sites</i> , de 10 minutos a 5 horas
Consequências do tempo da consulta	Ainda que esteja ansioso, consulente “tem tempo” para se acalmar, o que facilita a escuta do tarólogo	Consulente exige rapidez e objetividade do tarólogo, já que muitas vezes paga por tempo corrido
Técnicas de tiragem e adaptações na leitura	Uso de mandala astrológica (técnica de tiragem que oferece visão abrangente da vida do consulente)	Uso de técnicas de tiragem mais simples; descrição detalhada de cada carta; uso simultâneo de 2 baralhos ou mais
Interpretação	Detalhada	Objetiva
Relação entre tarólogo e consulente	Permite contatos físicos	Não permite contatos físicos, o que pode ser interpretado como um distanciamento que influencia o vínculo
Atenção	Geralmente focada na consulta	Tarólogo e consulente podem se distrair com outros elementos da internet ou do seu entorno físico
Finalização da consulta	O término é conduzido processualmente	O término pode ser uma interrupção ocasionada pelo fim do tempo pago no <i>site</i>
Habilidades exigidas do tarólogo	Conhecimento simbólico, intuição, manejo com o consulente (paciência, atenção, cuidado com a fala)	As mesmas do atendimento presencial somadas ao conhecimento da internet e boa escrita com uso de termos claros, coesos e objetivos
Restrições	Física: o tarólogo atende em um local fixo, para o qual o consulente deve se deslocar	Metas de atendimento que o <i>site</i> pode submeter o profissional; conhecimento para o manejo das tecnologias; boa qualidade de conexão

Fonte: Elaborado pelas autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha reduzido distâncias, tempo e custos, a oferta de consultas *online* não é um consenso entre os tarólogos. Há quem defenda que um atendimento face a face tenha qualidade superior ao atendimento à distância. Outros, ao contrário, alegam que em ambos os espaços é possível se conectar com a “energia” do consulente, de modo que para estes profissionais não existiriam comprometimentos na eficácia da consulta.

Semelhante ao meio do tarô, também na prática astrológica existe uma busca da autoridade advinda da tradição. “É a única forma pela qual o praticante de um conhecimento fechado que não busca produzir novas estruturas, mas capturar os acontecimentos na sua rede simbólica estável, pode-se legitimar numa sociedade plural” (Vilhena, 1990, p. 68). Dentre os tarólogos entrevistados, somente um se mostrou contrário à oferta de atendimentos *online*. Entretanto, deve-se considerar que esta resistência pode ser consequência não só pelo zelo com a tradição, do entendimento que o oráculo poderia ter um efeito reduzido nesta nova modalidade, mas também uma resistência à tecnologia. Ele era também o entrevistado com maior idade (59 anos).

Embora exista o argumento de perda energética no uso do tarô na internet, tarólogos permanecem observando alguns cuidados para se proteger de cargas negativas que recebem durante os atendimentos. Isso porque, para eles, a energia não encontra obstáculos físicos. Prova disso é a oferta das bênçãos *online* e o uso de gráficos de radiestesia colocados próximo ao computador para proteção do campo energético (Naiff, 2015, informação oral).

Nem o atendimento presencial nem aquele oferecido na internet oferecem garantias da proximidade que será estabelecida entre tarólogo e consulente. Isso depende da afinidade e da continuidade que ambos darão a esta relação. Mas observa-se uma queixa quanto à falta de contato físico no atendimento *online*. Por outro lado, os atendimentos na internet são apontados pelos tarólogos como oportunidade de aprendizado, pela quantidade e variedade de clientes que ali surgem.

Não foi possível identificar nuances do atendimento pela perspectiva dos consulentes. Caberia, em pesquisas futuras, por exemplo, identificar como os avatares influenciam nas interações entre consulentes e tarólogos. Fica a dúvida se é simples para o cliente distinguir quando é um tarólogo usando uma persona de quando é uma inteligência artificial ou *chat bot*. O consulente nutre a expectativa de ser atendido por um “tarólogo real”, em que o componente humano esteja presente?

Hoje, com tantos filtros possíveis que corrigem imperfeições estéticas, parece um consenso que potencialmente todos nós podemos nos apresentar na internet mais belos, agradáveis, inteligentes, felizes e bem-sucedidos do que realmente somos. No caso do tarô,

seria a autenticidade do tarólogo (ser ele quem diz que é) um atributo relevante? Ou estaria o consulente mais interessado em sua performance (no quanto ele “acerta”, executa bem a atividade proposta)?

O atendimento no âmbito *online* oferece mais um contexto para que a consulta aconteça. A escolha pelo atendimento presencial ou pelo *online* pode decorrer da conveniência circunstancial, de modo que, mudando as demandas, profissional e consulente podem transitar para a outra modalidade, conforme sua disponibilidade.

A prática dos tarólogos nos *sites* mostra o quanto estão adaptando a prática e realizando ajustes na técnica devido à restrição de tempo. As divulgações, consultas e cursos atualmente mediados pela tecnologia oferecem indícios que o tarô se encontra em desenvolvimento de mídiatização.

A mídiatização é um processo de mudança social e cultural de longo prazo, no qual as instituições sociais e culturais (por exemplo, política, ensino, religião e assim por diante) e os modos de interação são alterados como consequência do crescimento da influência da mídia (Hjarvard, 2008; 2012; 2014).

Destaca-se que a internet agilizou processos, mas que não inaugurou o atendimento à distância. Segundo Nei Naiff, na década de 1970, os tarólogos, astrólogos e videntes recebiam cartas com questionamentos dos consulentes e eles respondiam através de uma gravação de cerca de uma hora, uma hora e meia, em uma fita cassete. Mesmo com as limitações daquela época, pessoas que nunca se encontraram pessoalmente trocavam informações oraculares. Ou seja, a internet potencializou práticas de consulta à distância que já existiam, mas não as inaugurou. O que ela proporcionou foram novas estratégias ou modalidades de legitimação profissional, que convivem com as “antigas” (*workshops*, vivências, cursos, propaganda boca a boca), assim como transformações em suas práticas de atendimento, que são vistas pelos tarólogos como diferenciadas do atendimento presencial. Não são melhores nem piores: atendem a demandas específicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOYD, Danah. How can qualitative Internet Researchers define boundaries of their project? A response to Christine Hine. // MARKHAM, Annette N. e BAYM, Nancy (Ed.). **Internet inquiry**: conversations about method. Los Angeles: Sage, 2009. p. 26–32. <https://doi.org/10.4135/9781483329086.n3>

COTTLE, Simon. Mediatized rituals: beyond manufacturing consent. **Media Culture Society**, v. 28, n. 31, p. 411–432, 2006. <https://doi.org/10.1177/0163443706062910>

FRIGERIO, Alejandro. La ¿“nueva”? espiritualidad: ontología, epistemología y sociología de un concepto controvertido. **Ciências Sociais e Religião**, v. 18, n. 24, p. 209–231, 2016. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.67123>

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HJARVARD, Stig. The mediatization of religion: a theory of the media as agents of religious change. **Northern Lights**, v. 6, n.1, p. 9-26, 2008. https://doi.org/10.1386/nl.6.1.9_1

HJARVARD, Stig. Three forms of mediatized religion: changing the public face of religion. //: HJARVARD, Stig; LÖVHEIM, Mia (Ed.). **Mediatization and Religion: Nordic Perspectives**. Göteborg: Nordicom, 2012. p. 21–44.

HJARVARD, Stig. Mídia: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, v. 8, n.1, p. 21–44, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>

JUNGBLUT, Airton Luiz. Mercado Religioso e a Internet no Brasil. //: SANTOS, Hermílio (Org.). **Debates pertinentes para entender a sociedade contemporânea**. Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 139-154.

KUPERMAN, Priscila de Siqueira. **Tarot: uma linguagem feiticeira**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

LEACH, Edmund R. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. //: LESSA, William Armand; VOGT, Evon Z. (Ed.). **Reader in comparative religion: an Anthropological Approach**. New York: Harper Row, 1972. p. 333–337.

LEITÃO, Débora Krischke. Mercado, coleções e interconexões: algumas pistas para compreender trocas comerciais via internet. **Revista Século XXI**, v. 1, n. 1, p. 82–96, 2011. <https://doi.org/10.5902/223667253138>

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. O mito na psicologia primitiva. //: MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 97–153.

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era”. **Mana**, v.11, n.2, p. 499–528, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200007>

MARINS, Cristina. Internet e trabalho de campo antropológico: dois relatos etnográficos, **Ponto Urbe**, n. 27, p. 1-27, 2020. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9067>

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 63–78, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O percevejo**, v. 11, n. 12, p. 1–10, 2003.

SILVA, Renata Cristina da. Apropriações do termo avatar pela cibercultura: do contexto religioso aos jogos eletrônicos. **Contemporânea**, ed. 15, v. 8, n. 2, p. 120–131, 2010.

SULER, John. The Psychology of Avatars and graphical space in multimedia chat communities or: How I learned to stop worrying and love my Palace Props. //: BEIßWENGER, Michael (Ed.). **Chat-Kommunikation. Language, interaction, and sociality in computer mediated communication. Perspectives on an interdisciplinary research area**. Stuttgart: Seiten, Gebunden, 2001. p. 1–37.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. **Mosaicos de si: uma abordagem sociológica da iniciação no tarot**. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. Tornando-se Tarólogo: Percepção "Racional" *versus* Percepção "Intuitiva" entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 2, n. 1, p. 97–123, 1999.

TURNER, Victor. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da astrologia: estudo antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1990.

FONTES

ASTROCENTRO. <http://astrocentro.com.br/consultas-1270/thema/especialidade-tarologia>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CLUBE DO TARÔ. <http://www.clubedotaro.com.br/site/index.asp>. Acesso em: 3 nov. 2022.

IMPÉRIO CIGANO. <http://www.imperiocigano.com.br/atendentes/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

LEITURA TAROT. <http://leituratarot.com/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

NAIFF, Nei (Org.). Fórum Aberto Tarô on-line: quais os prós e contras? //: **2º Encontro Nacional de Tarô e 19º Encontro da Nova Consciência**. Campina Grande, 14/02/2010. <http://www.youtube.com/watch?v=Lsp1XJAEnoM>. Acesso em: 12 nov. 2022.

NAIFF, Nei (Org.). **4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia: O Tarô e o Mundo Digital**. São Paulo: Citibank, 21/03/2015.

ORÁCULOS WEB. http://oraculosweb.com.br/capa/index.asp?gclid=Cj0KCQiAtqL-BRC0ARIsAF4K3WFsKCHfYYPj3qsbVSKqpcmfETxiotZNUBnoWcWFXOz0H-oz5A1m_x4aAskCEALw_wcB. Acesso em: 10 nov. 2022.

Recebido em 20 de março de 2023.
Aprovado em 16 de fevereiro de 2024.